

HEMDA BEN-YEHUDA, A PRIMEIRA ESCRITORA DA LITERATURA DE TEMÁTICA INFANTO-JUVENIL HEBRAICA EM ERETZ ISRAEL

HEMDA BEN-YEHUDA, THE FIRST WRITER OF HEBREW CHILDREN'S LITERATURE IN ERETZ ISRAEL

Gabriel Steinberg*

Resumo: Este texto, a respeito de Hemda Ben-Yehuda, apresenta uma figura fundamental do período do renascimento da Língua Hebraica na era do despertar nacional do povo judeu em sua terra. Hemda, nascida Pola Jonas, virou personagem central na empreitada da transformação do hebraico em língua vernacular, ao casar com Eliezer Ben-Yehuda em 1892. Mas, além disso, Hemda trilhou seu próprio caminho, transformando-se em jornalista e escritora. Sendo assim, é aqui apresentada a tradução ao português de três de seus contos sobre a temática infanto-juvenil e publicados originalmente em Varsóvia em 1902.

Palavras-chave: Língua Hebraica. Literatura Hebraica. Literatura infanto-juvenil.

Abstract: This text, about Hemda Ben-Yehuda, presents a fundamental figure from the period of the revival of the Hebrew Language in the era of the national awakening of the Jewish people in their land. Hemda, born Pola Jonas, became a central character in the quest to transform Hebrew into a vernacular language, when she married Eliezer Ben-Yehuda in 1892. But, in addition, Hemda followed her own path, becoming a journalist and writer. Therefore, here we present the translation into Portuguese of three of his short stories on children's themes and originally published in Warsaw in 1902.

Keywords: Hebrew Language. Hebrew Literature. Children's literature.

Hemda Ben-Yehuda nasceu em Wierchniedźwińsk, vilarejo do Império Russo, na atual República de Belarus, em 07 de abril 1873 como Beila Jonas e posteriormente teve o nome mudado para Pola. Foi escritora e jornalista e também ficou conhecida por ter sido a segunda esposa de Eliezer Ben-Yehuda, o responsável pelo renascimento do hebraico falado na era moderna e sua transformação em língua vernacular, com a criação do Estado de Israel em 1948. Era a irmã mais nova de Dvorá Jonas, a primeira esposa de Ben-Yehuda. Hemda faleceu em Jerusalém em 25 de agosto de 1951.

* Gabriel Steinberg é professor no Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
E-mail: <steinberg1818@usp.br>.

Hemda foi a quinta entre os sete filhos de Solomon Naftali Hertz Jonas, um judeu instruído da Europa Oriental que aderiu ao movimento dos *Chovevei Tsion* (Os Amantes de Sion) de Moscou, e além disso, publicou artigos e poemas em jornais hebraicos da época, como *Hamelitz*¹ e *Hamaguid*². Dvorá Jonas, a irmã de Hemda que tinha se casado com Eliezer Ben-Yehuda em 1881 e imigrado com ele na 1ª *aliyá*, a primeira onda imigratória judaica da era moderna rumo à Palestina, faleceu em 1891 aos 36 anos, deixando-o viúvo com cinco filhos. Eliezer então fez um apelo a Pola para que ela aceitasse se casar com ele e, segundo ele mesmo declarou posteriormente, esse apelo tinha sido feito a pedido da própria Dvorá, esboçado antes de seu falecimento. Inicialmente o pai de Pola, Solomon Naftali Hertz Jonas, recusou-se a aceitar essa união devido à doença de Eliezer, a tuberculose, além da grande diferença de idade que havia entre os dois. No entanto, no ano seguinte, em 1892, estourou em Jerusalém uma epidemia de difteria que dizimou três dos filhos de Eliezer. Após a nova tragédia, seu sogro concordou com o casamento com Pola, que foi celebrado em 29 de março de 1892.

Dvorá Jonas faleceu vítima da tuberculose que ela provavelmente contraiu do marido, e a doença afligiu Eliezer por toda a vida. Pola chegou à Terra de Israel acompanhada de seus pais e de dois de seus irmãos, contraindo núpcias com Eliezer, e transformando-se, assim, na sua segunda esposa. Com o passar do tempo, Pola aprendeu a língua hebraica, transformando-se no braço direito de Eliezer na empreitada pelo renascimento da língua hebraica na Terra de Israel. Como parte da nova vida, ela hebraizou seu nome passando a se chamar Hemda.

Pola abandonou a grande cidade de Moscou aos 19 anos assim como a cultura russa na qual estava amplamente inserida, e decidiu construir sua vida ao lado de um homem mais velho, doente e viúvo, suportando a pobreza e os grandes desafios que Eliezer enfrentava no país, quando era perseguido pela comunidade judaica ortodoxa que até o excomungou em 1886 devido a suas atividades em prol do renascimento da Língua Hebraica, tarefa essa à qual aquele grupo manifestava feroz resistência. Pola assumiu a responsabilidade de substituir o lugar de sua falecida irmã, mas também se dispôs a ingressar numa casa na qual era proibido falar em qualquer outra língua que não fosse o hebraico, idioma com o qual ela ainda não estava familiarizada.

¹ *Hamelitz* foi um semanário em língua hebraica publicado na Rússia entre 1860 e 1904.

² *Hamaguid* foi o primeiro jornal em hebraico a ser publicado na Europa Oriental. Ele circulou entre 1856 e 1903, primeiro como semanário e depois como jornal diário. Foi publicado inicialmente em Lyck, na Prússia, e depois a redação foi transferida para Berlim, Cracóvia e Viena.



Hemda Ben-Yehuda

Fonte: <https://blog.nli.org.il/giborot-hemda-ben-yehuda/>

Ao casar-se com Eliezer, Pola teve quatro filhos e também assumiu a criação dos dois filhos de Dvorá que sobreviveram à epidemia de difteria, exigindo deles que a chamassem de “ama” e não *ima* (mãe), numa tentativa de criar uma palavra que fosse parecida com *aba* (pai). Dessa forma, Hemda conectou-se fortemente com os filhos de sua falecida irmã, em especial, com o primogênito Itamar Ben-Avi, que ao seu lado e ao lado do pai, tornou-se um dos combatentes na empreitada pelo renascimento da Língua Hebraica em Eretz Israel. Itamar Ben-Avi se refere assim à chegada de Hemda ao seio de sua família, mais especificamente quando descreve à chegada da mesma a Jerusalém acompanhada de seus pais e de dois de seus irmãos que eram, na verdade, os tios de Itamar Itamar Ben-Avi, desta maneira

Um forte aroma vindo da Rússia se estendia pelo ar. E eis que na minha frente apareceu meu avô Solomon Naftali Hertz Jonas, elegantemente vestido com um casaco moscovita, apesar do forte calor que pairava em volta, e minha avó carregava um samovar de bronze, e Pnina trazia uma gaita, e Onia levava um incrível ábaco russo com botões multicoloridos, e minha segunda mãe com suas roupas elegantes e um largo chapéu parisiense seguindo as últimas tendências da moda, carregava nas mãos flores silvestres que foi colhendo pelo caminho desde Jaffa até Jerusalém. E a seu lado estava meu pai, Eliezer Ben-Yehuda, o mesmo homem franzino, de baixa estatura, ligeiro, habilidoso e exigente, dando ordens a todos ao seu redor, apressou-se para nos apresentar um a um aos convidados recém chegados. Então eu e Yemima nos antecipamos e exclamamos: “Olá, tia!” - E imediatamente pulamos sobre o pescoço de Hemda – naquele momento, seu nome era ainda Pola – e a beijamos. E ela então nos interrompeu e disse: - Não me chamem de tia e nem de mãe, pois vocês tiveram uma mãe e ela continuará sendo vossa mãe para

sempre. Por favor, me chamem de “ama” como “aba”. Eu serei, a partir de hoje, sua “ama”. Eu vim até aqui para ocupar o vazio deixado por vossa mãe”. (BEN-AVI, 2016, p. 92)

Em poucos meses Hemda aprendeu a língua e foi transformando sua casa num lugar de reunião para os intelectuais da época que compactuavam com as mesmas ideias que seu esposo. Rapidamente ela se envolveu nas atividades políticas do marido em prol do renascimento do hebraico, tarefa esta que despertou uma grande oposição, como já foi mencionado acima, da comunidade ortodoxa de Jerusalém, que não hesitou em denunciar Eliezer às autoridades otomanas em 1893, alegando que em seu jornal *Hatzvi*³ ele estaria incitando uma rebelião contra o Império Turco, autoridade estrangeira que dominou a Palestina entre 1516 e 1917.

Além de assumir a criação dos filhos da falecida irmã, Hemda apoiou Eliezer na edição do jornal *Hatzvi* que se tornara a única fonte de sustento da família. Somado a esse apoio, ela envolveu-se na tarefa que se transformou no grande projeto de vida de Eliezer e que foi a edição do grande dicionário da Língua Hebraica. Para isso, Hemda engajou-se na coleta de donativos tanto na Terra de Israel como nas diferentes comunidades da diáspora, o que possibilitou a concretização de tão importante tarefa. Segundo Yaffa Berlowitz, o engajamento de Hemda no projeto de Eliezer destinado à edição do grande dicionário foi fundamental e ela somente foi concretizada graças ao seu incentivo. Assim diz Berlowitz

Não há sombra de dúvidas que a tarefa colossal de Ben-Yehuda de fazer renascer a Língua Hebraica por meio da compilação lexicográfica de todas as palavras hebraicas segundo os diferentes períodos cronológicos, além das inovações introduzidas nos anos em que Ben-Yehuda atuou, se deve também à atuação de Hemda Ben-Yehuda. Durante os trinta anos de convivência (1892 – 1922), ela foi responsável pela edição dos sete primeiros volumes do grande dicionário, um após o outro. E mesmo com o falecimento do esposo, ela se viu compelida a prosseguir com a grande tarefa e nas décadas seguintes, entre 1922 e 1951, procurou todos os meios para concluir o dicionário até a última letra. Para isso ela criou dois comitês de intelectuais recrutados em Eretz Israel e na diáspora que foram encarregados de concluir a tarefa. Ela também mobilizou o mundo judaico, assim como o *Ishuv* em Eretz Israel, criando campanhas de arrecadação de fundos para que a enorme tarefa fosse concluída. Lembrando que o último tomo do grande dicionário composto por 17 volumes (16 volumes e mais uma introdução) foi concluído em 1958, sete anos após o falecimento de Hemda, ocorrido em Jerusalém, em 25 de agosto

³ *Hatzvi* foi um jornal fundado por Eliezer Ben-Yehuda em Jerusalém em 1884 e que circulou com algumas interrupções até a 1915. Entre 1902 e 1908, o jornal foi fechado pelas autoridades otomanas e em seu lugar, Ben-Yehuda editou outro jornal, chamado *Hashkafá*. Em 1908 o jornal *Hatzvi* voltou a circular, desta vez como jornal diário e não mais como um semanário, transformando-se no primeiro jornal diário em hebraico a circular na Terra de Israel.

de 1951. (BERLOWITZ, *Hemda Ben-Yehuda*. Disponível em: <https://library.osu.edu/projects/hebrew-lexicon/03193.php>)

Além do grande apoio, lealdade e devoção que Hemda demonstrou ao esposo, ela também teve uma significativa atuação em vários outros campos. Ela deixou sua marca como jornalista, como escritora e também demonstrou engajamento na luta pelos direitos das mulheres em Eretz Israel. É possível afirmar assim que Hemda Ben-Yehuda tratou do empoderamento feminino, mesmo antes da existência desse termo. Foi ela a responsável pela criação de uma palavra nova que acabou sendo incorporada à língua hebraica e aqui refiro-me à palavra *Ofná*, ou seja “moda”. Segundo Nati Gabay, foi por iniciativa própria que ela tornou-se a editora de uma coluna dedicada à moda e a outros assuntos do interesse feminino no jornal *Hashkafá*, editado por Eliezer Ben-Yehuda entre 1902 e 1908, período no qual o jornal *Hatzvi* tinha sido banido pelas autoridades otomanas. Assim nos diz Gabbay a respeito do pioneirismo para a época assumido por Hemda

Em junho de 1904, Hemda começou a escrever uma coluna semanal no jornal *Hashkafá*, editado por seu esposo e por um curto período, por ela mesma. Ela havia decidido que também as filhas de Israel mereciam ser informadas sobre as últimas tendências do mundo da alta costura. E foi assim que ela cunhou a palavra *Ofná*, para se referir à moda. Dessa forma, enquanto se encontravam diante dela alguns dos mais importantes jornais de Paris, ela sentava e escrevia suas colunas, assinando-as sob o pseudônimo Rosa Branca. Algumas das colunas eram semelhantes às aquelas publicadas a respeito das últimas tendências na França e em outros lugares. E, no entanto, em algumas colunas é possível reconhecer mensagens subliminares sobre a posição social das mulheres e, por conseguinte, sua crença no avanço e importância do papel social da nova mulher hebreia, tal como pode-se ver na edição do jornal *Hashkafá* de 14/06/1904, quando ela escreveu: “Quão agradável seria ver uma linda moça de Eretz Israel de olhos pretos, bronzeada pelo sol e abençoada pela graça, vestida com uma moderna vestimenta que deixa transparecer a modernidade sem deixar de lado o tradicional, sem negligenciar o tradicional”. (GABBAY, Nati. *Ma lilbosh bessof shavua*. Disponível em: <https://blog.nli.org.il/>)



Eliezer e Hemda Ben-Yehuda em 1912

Fonte: <https://hebrew-academy.org.il/2022/10/12/>

Foi graças à iniciativa de Hemda que Eliezer Ben-Yehuda decidiu editar um jornal dedicado ao público infanto-juvenil chamado *Olam Katon* (Pequeno Mundo). Esse jornal publicado em Jerusalém teve apenas sete edições entre 1893 e 1894, e deixou de ser publicado provavelmente por falta de recursos. No entanto, ele foi o primeiro jornal em hebraico destinado ao público infanto-juvenil da Terra de Israel editado ainda sob o domínio turco-otomano. Foi nesse jornal que Hemda publicou a tradução de alguns poemas do russo para o hebraico. Após o encerramento das atividades do jornal *Olam Katon*, Hemda continuou escrevendo seus contos, como por exemplo, a coletânea “A vida das crianças na Terra de Israel”, que foi publicada em Varsóvia pela casa editorial *Tushyá*, em 1902, entre outras publicações posteriores.

Hemda iniciou sua atividade literária incentivada pelo esposo que reconheceu nela a capacidade de escrever contos sobre a temática infanto-juvenil, ao mesmo tempo em que admitia a grande urgência de se dirigir a esse público tão fundamental na tarefa de disseminação da língua hebraica entre as novas gerações. Ben-Yehuda acreditava que Hemda era capaz de introduzir sentimentos, simplicidade e as nuances necessárias na nova literatura destinada aos jovens, elementos dos quais a língua ancestral ainda carecia nesse então. Para dois renomados críticos literários, Hemda alcançou sucesso nessa árdua tarefa. Assim, para Uriel Ofek, Hemda se tornou a primeira escritora da literatura sobre a temática infanto-juvenil hebraica na Terra de Israel. Já para Nurit Govrin, Hemda Ben-Yehuda foi na verdade a primeira jornalista do país. (MALUL, <https://blog.nli.org.il/giborot-hemda-ben-yehuda/>)

Se a escrita de Hemda destinada ao público adulto recebeu críticas de forma frequente, sua escrita sobre a temática infanto-juvenil recebeu elogios. Hemda escreveu mais de vinte contos sobre diferentes situações da vida das crianças na Terra de Israel. Sua primeira coletânea, como dito acima, foi publicada inicialmente na Europa. A coletânea continha 24 páginas e apresentava três contos que imediatamente ganharam elogios do público leitor. A inovação de Hemda foi retratar a contemporaneidade da vida das crianças na Terra de Israel, já que outros poucos escritores que escreviam sobre crianças, ou para esse público, costumavam retratar eventos ou relatos sobre crianças no período bíblico, ou sobre a vida das mesmas nas comunidades e aldeias habitadas pelos judeus na diáspora.

A seguir a tradução de três contos: Israel, Zerubavel e Hassan, o vendedor de figos. Estes contos fazem parte da coletânea *Mehayei hayeladim beEretz Israel* (A vida das crianças na Terra de Israel) publicada em Varsóvia em 1902.

Israel

Israel, um menino de seis anos, era diferente em todos os aspectos das outras crianças de sua idade. Como ele, elas concluíam os estudos do *Humash*⁴ e começavam a aprender a *Guemará*⁵, porém elas não o faziam guiadas pelo amor, mas pelo receio. Temiam a mão forte do mestre, que as obrigava a se aplicar nos estudos da *Torá*. Esse não era o caso de Israel. Desde o dia em que nasceu, seus pais o aproximaram da *Torá* e ele a estudava dia e noite. Ele sentia prazer por esse estudo e refletia sobre os seus ensinamentos a cada instante, e todos os pensamentos dele estavam voltados a ela. Resumindo, o mais importante em sua vida era se dedicar ao estudo da *Torá*.

Israel era magro, fraco e de rosto pálido. Seus grandes olhos negros demonstravam tristeza, como se esse pequeno judeu já conhecesse, na sua tenra idade, toda a amargura da vida. Mesmo sendo uma criança, ele se vestia como um homem adulto: um kaftan comprido até os tornozelos, pelo qual podiam ser vistas as pontas de suas meias brancas. Sobre o kaftan usava um casaco preto curto, um solidéu branco na cabeça costurado pela sua mãe, e sobre ele aparecia bordada a inscrição: "Jerusalém, a Cidade Santa". Sobre o solidéu um chapéu preto redondo. Nos seus pés pequenos, meias brancas e sandálias. Essas eram suas vestimentas ao longo da

⁴ O *Humash* é o Pentateuco, ou seja, a primeira parte da Bíblia Hebraica formada por cinco livros.

⁵ *Guemará* é a parte do *Talmud* que contém os comentários e análises rabínicas da *Mishná*.

semana. Já aos sábados e feriados, substituía o chapéu por um *shtreimel*⁶, o casaco preto por um outro de veludo azul, e um lindo e pequeno cinturão na cintura.

Seu idoso avô tinha sido um homem justo. Costumava jejuar toda segunda e quinta-feira, estudava muito e orava muito, e o mais importante: ele nasceu, cresceu e morreu em Jerusalém e nunca deixou a Cidade Santa sequer por um dia, nem por uma hora, nem por um minuto. E o filho do idoso, o pai de Israel, seguiu por sua vez, os passos de seu pai, mostrando-se ainda mais piedoso: ele nunca atravessou os muros da cidade e nunca se afastou da Rua dos Judeus.

A Rua dos Judeus era uma rua estreita e escura, pavimentada com pequenas pedras. Existiam ali muitas lojas lado a lado, com todos os tipos de mercadorias, alimentos e vegetais. Ela era sempre frequentada por uma multidão e permanecia sempre lotada. Um grande barulho emergia ao redor da mesma: os burros zurrando, os fortes gemidos dos camelos, e tudo isso se misturava com as vozes dos homens e das mulheres, dos judeus e dos árabes, assim como dos vendedores e compradores que iam e vinham num movimento incessante. Na mesma rua havia também duas grandes sinagogas que estavam sempre lotadas de ponta a ponta. À direita da rua e à esquerda existiam algumas ruas laterais, nas quais era possível ver muitas portas e pequenos portões que conduziam a diferentes pátios. E assim como a Rua dos Judeus vivia sempre lotada e barulhenta, as ruas laterais estavam sempre vazias e silenciosas.

Foi nessa rua barulhenta que nasceu o pai de Israel. Ali ele cresceu, casou-se e ali também casou sua única filha, que tempos depois o deixou e foi morar em um subúrbio, fora da Cidade Velha, em uma casa ao lado de um grande jardim. Todos os sábados, a filha vinha visitar seus pais, porém os pais nunca foram visitá-la, pois tinham feito um voto ao Deus de Israel, de que nunca em suas vidas, cruzariam os limites da Rua dos Judeus. E um dia a filha adoeceu, e do leito de morte ela suplicou para vê-los antes de sua partida, porém sua mãe e seu pai não foram vê-la, e ela morreu.

- Bendito seja o Juiz da Verdade! - disseram seus pais quando a terrível notícia chegou até eles, e eles rasgaram suas vestes em sinal de luto, sentaram-se no chão por sete dias e choraram por sua única e amada filha por muito tempo. O nascimento de Israel, seu único filho, trouxe para os infelizes pais algum consolo.

Quando Israel nasceu, seus pais já tinham idade avançada, por isso dedicaram suas vidas ao menino, assim como todos os seus pensamentos. Eles passaram a cuidar dele, o mimavam e

⁶ *Shtreimel* é um chapéu de pele usado por homens ortodoxos, do judaísmo hassídico, no sábado e em outras ocasiões festivas.

cuidavam dele com grande afeto e preocupação, mas em especial, tentaram protegê-lo do mau-olhado. Quando o menino completou três anos, cortaram seus cabelos pretos e ele ficou apenas com os longos cachos laterais. E perante todo o povo, seu pai o consagrou ao estudo da *Torá*, e o pai fez um voto de que seu filho não apenas nunca se afastaria de Jerusalém, nem jamais deixaria seus muros mas, também, ele nunca cruzaria os limites da Rua dos Judeus. E mais ainda, ele nunca sairia do quintal da sua casa até que se tornasse um adulto.

E o pai preservou esse voto e escondeu as portas de sua casa dos olhos de seu filho. Ele também contratou um professor especial que vinha até a casa e sentava-se com ele o dia inteiro e lhe ensinava a *Torá*. Dessa forma, Israel não teve qualquer contato com outras crianças. Israel cresceu acreditando que havia somente caos fora dos limites de sua casa.

Em num dia do mês de *Tamuz*⁷, quando soprava um vento quente desses que enfraquecem e afligem muito as pessoas, as forças do professor se esvaíram e ele adormeceu enquanto estava ensinando a *Guemará*. Nesse momento Israel deixou a sala e caminhou pelo pátio, absorto em seus pensamentos. Ele continuou andando inconscientemente em direção ao pequeno portão, que seu pai esquecera de trancar naquele dia. Um empurrão com sua pequena e fina mão foi o suficiente para abrir a portão. Por alguns momentos Israel ficou parado, olhando para o "grande mundo" de fora, viu a estrada estreita que por ali partia e ficou muito surpreso. Então ele saiu e caminhou pela estrada vazia e desolada.

De repente, ficou surpreso e pasmo com a visão de seus olhos: na frente dele havia um burro muito pequeno, que certamente tinha se perdido de sua mãe, e o filhote era bonito e agradável, e ambos, ele e o burro, pareciam pequenos e inocentes. Os olhos de Israel se voltaram para o burrico, que aproximou sua cabeça do menino. Israel estendeu sua mão macia para acariciá-lo, enquanto o burro começou a lambe a mão do menino, a admiração de Israel não tinha fim. E Israel começou a se questionar quem seria aquela bela criatura? Que grande vontade ele sentiu de saber disso, mas não havia ali ninguém que pudesse lhe responder, porque os dois estavam sozinhos naquela desolada estrada. Então ele puxou o burrico e abraçou sua cabecinha e o beijou.

E de repente seu pai apareceu na sua frente. Ele tinha deixado seus afazeres e foi ver para onde tinha ido seu bondoso filho, que era também sua alegria e orgulho. E o que seus olhos viram desta vez? Ao perceber seu filho fora de casa, o pai se encheu de uma grande tristeza que prontamente deu lugar a uma grande ira. Então uma voz amargurada irrompeu de sua boca e ele começou a gritar:

⁷ *Tamuz* é o décimo mês do calendário judaico e coincide com o verão na Terra de Israel.

- Ai de mim! Ai de mim!

- Como você ousou? - gritou o pai, agarrando o filho com a mão, sacudindo-o com força puxou-o atrás dele até o quintal da casa.

- Como ousou, seu infeliz, quebrar meu voto e cruzar a soleira da porta atravessando o pátio! Oh! Como ousou, na sua tenra idade, aproximar-se de um animal imundo e impuro, para abraçá-lo e beijá-lo?

Por uma longa hora, foram ouvidos atrás da porta os gritos do pai, que se misturavam com o choro do filho e com as súplicas da mãe, que em vão implorava ao pai, o devoto tomado agora pela crueldade, para que deixasse seu filho ir.

No dia seguinte, Israel adoeceu sendo afligido por uma febre altíssima. Muitos judeus dirigiram-se então até o Muro Ocidental e, nas sinagogas, os velhos rezavam e choravam. As Arcas da Lei foram abertas, e todos começaram a pedir ao Altíssimo que tivesse misericórdia de seu pequeno servo, de seu inocente e fiel servo e de seus infelizes pais.

Mas foi tudo em vão. Israel faleceu. Uma grande multidão de velhos e jovens e até de crianças seguiram seu pequeno caixão. As mulheres se levantaram e choraram e as velhas lamentaram enquanto se lembravam de sua bondade, assim como da devoção a Deus de seu pai e de seu avô. Elas lamentaram e pediram que os bons anjos fossem ao encontro da alma de Israel. O pai também acompanhou seu féretro até o final da Rua dos Judeus.

Zerubavel

Zerubavel de seis anos era diferente de todas as outras crianças de sua idade. Como ele, as outras crianças também iam ao jardim de infância, falavam hebraico, cantavam canções hebraicas e destacavam-se nos esportes. No entanto, eles faziam tudo isso sem ânimo, apenas porque suas mães diziam que toda criança devia ir para a escola, ouvir as orientações dos professores e aprender bem. Já Zerubavel era diferente. Ele gostava muito da escola, era sempre o primeiro a chegar e o último a sair da mesma. Ele aprendia as canções hebraicas rapidamente e sempre as cantarolava com entusiasmo. Quando retornava para casa ao meio-dia ou à noite, sua voz entoando essas melodias podia ser ouvida de longe.

Zerubavel era alto e magro, seu rosto era bronzeado pelo sol, seus olhos grandes e negros, seu cabelo preto e encaracolado. Ele detestava roupas finas e sapatos engraxados. No lugar optava por andar descalço e usava roupas simples de pano, pois assim podia subir nas árvores, rolar lá fora na terra, mover pedras ou lutar com seus amigos. Uma vez se jogou em um barril

de água, pois decidiu tirar um sapo de lá, a quem deu o nome de Êmesh. Numa outra vez machucou a testa ao cair de uma árvore alta que ele tinha decidido escalar. E quando sua mãe o repreendeu e lhe deu uma lição dizendo que era proibido subir nas árvores, proibido se aproximar do barril e proibido dançar sobre uma perna só, ele respondeu tristemente:

- E se tudo é proibido, então para que eu vivo? - e seus olhos se encheram de lágrimas.

Sua família não era numerosa: pai e mãe e duas irmãs mais velhas. Zerubavel nunca conheceu o amor de uma avó ou o beijo de uma tia amorosa, nunca recebeu doces de seus parentes, nem viu os grandes óculos de um velho avô, e nunca ouviu alguém lhe dizendo: venha aqui meu doce neto – pois todos esses familiares permaneceram lá longe, muito longe, do outro lado do mar. Mas aqui, na Terra de Israel, ele tinha um vinhedo e podia mergulhar numa piscina.

Seu pai era um agricultor e um herói conhecido entre os agricultores da Terra de Israel, já sua mãe era uma mulher suave e gentil. Mas Zerubavel sentia-se mais ligado a seu pai. Ele sempre corria atrás dele até a vinha, à adega, ao celeiro e ao estábulo, e acima de tudo gostava de ir com o pai até a cidade. Assim, quando a carroça partia da aldeia e já não podiam ser mais vistas as casas, e tudo o que se via ao redor era o céu e a terra, seu pai lhe contava relatos antigos de como os judeus chegaram à Terra de Israel vinte anos atrás, como viveram em tendas, como construíram a primeira aldeia agrícola e como plantaram a primeira vinha, como lutaram contra os salteadores beduínos, que atacavam cada carroça que passava e cada viajante ou pedestre. E quando Zerubavel ouvia essas histórias, ele ficava muito emocionado, suas bochechas coravam, seus olhos brilhavam e ele se levantava de seu assento como se quisesse pular da carroça e perseguir aqueles beduínos maldosos, que assaltavam naquela estrada no meio da noite, vinte anos atrás.

Essas histórias realmente encorajavam o coração do menino e ele não conhecia o que era o medo, por isso as crianças da aldeia o chamavam de "Zerubavel, o Herói". Muitos de seus amigos tinham inveja desse nome honroso, até tentaram se rebelar contra ele, para que Zerubavel não tivesse supremacia sobre eles, mas a mão do herói era forte e sua imagem era vigorosa.

Quando Zerubavel começava a cantarolar: Ouçam, irmãos, ouçam,- todas as crianças se reuniam atrás dele em linha reta, e então eles rodeavam todo o povoado e se moviam em todas as direções, e a voz de seu coro podia ser ouvida de um extremo ao outro da aldeia. Então Zerubavel estendia sua mão para eles em saudação, e todas as crianças se dispersavam pelas ruas. As próprias crianças não sabiam por que elas se rendiam a suas ordens, elas só sabiam de uma coisa: que sem Zerubavel eles não dançariam nem cantariam, não caminhariam nem

brincariam; Sem Zerubavel, não seria bom bater em Haman em *Purim*⁸, ou alegrar-se e cantar em *Simchat Torá*⁹.

Entre os amigos, havia um a quem todos deram o nome de "Bar-Kochba", ele era um ano mais velho que Zerubavel, e sentia muito ciúme dele, por isso sempre queria humilhá-lo na frente de seus amigos. E aconteceu um dia que Zerubavel e seus amigos foram andar pelo campo, longe da aldeia, e todas as crianças sentaram-se para descansar em uma pequena colina, menos Zerubavel que ficou de pé perto delas, porque não estava cansado. Então Bar-Kochba olhou para ele com ciúme, levantou-se e disse-lhe:

- Escuta aqui, Zerubavel!

- Se você realmente é Zerubavel¹⁰ - disse Bar-Kochba zombeteiramente - por que não constrói o Templo?

Diante dessas palavras, todas as crianças se levantaram e gritaram em alta voz:

- Sim, sim, por que você não constrói o Templo?

Zerubavel ficou envergonhado, seu rosto ficou vermelho e seus olhos fitaram o chão. Ele sentiu que todos os olhares estavam sobre ele e que todos eles estavam aguardando uma resposta.

E por que não poderia realmente construir o Templo? - ele pensou - Meu nome não é Zerubavel?

O silêncio tomou conta de tudo. Zerubavel ergueu os olhos, observou todas as crianças que estavam à sua volta, então ele disse com uma voz cheia de coragem e confiança:

- Sim, eu vou construir o Templo! Mas para isso precisamos de dinheiro, e o dinheiro será arrecadado aqui entre nós - e enquanto falava, ele tirou do bolso uma moeda. As outras crianças também colocaram rapidamente as mãozinhas nos bolsos e tiraram: uma um pão, a segunda um lenço, a terceira uma noz, mas nenhuma delas tinha dinheiro, então elas permaneceram paradas e envergonhadas.

Zerubavel procurou tirá-las do constrangimento e lhes disse:

⁸ *Purim*: é uma festa que comemora a salvação dos judeus no Império Persa do plano de Haman para exterminá-los, tal como está escrito no Livro de Ester, um dos livros da Bíblia Hebraica.

⁹ *Simchat Torá*: é a festa na qual encerra-se e se reinicia a leitura anual da *Torá*.

¹⁰ Zerubavel foi o homem mencionado na Bíblia Hebraica que teria liderado o retorno de um grupo de judeus exilados que se encontravam no cativeiro babilônico, fato histórico ocorrido por volta de 539 a.C., quando o rei Ciro da Pérsia havia ocupado a Babilônia e permitido o retorno dos judeus à Terra de Israel. Na ocasião ele também teria liderado a reconstrução do segundo Templo em Jerusalém.

- Faremos o seguinte combinado: uma vez por semana, às sextas feiras à tarde, cada um de nós deverá entregar uma moeda. Todas as crianças de todas as aldeias da Judeia e da Galileia, tanto meninos quanto meninas, providenciarão uma moeda cada uma. Então teremos dinheiro para a construção do Templo. E tem mais, o tesoureiro responsável pela arrecadação será Bar-Kochba - acrescentou Zerubavel, colocando a moeda na sua mão.

Essa foi a primeira vez que Zerubavel deu a Bar-Kochba uma posição de honra, e nesse dia ele foi reconhecido como um menino corajoso e muito respeitado. Assim, as crianças passaram a chamar Bar-Kochba de "o tesoureiro" ou o "braço direito de Zerubavel", e isso aumentou ainda mais o prestígio de Zerubavel e agora também o de Bar-Kochba aos olhos de seus amigos.

Hassan, o vendedor de figos

Hassan, o vendedor de figos, era conhecido por todas as crianças que moravam nas redondezas do bairro de Machanê Yehuda. Ele morava em Belém, e todos os dias se deslocava até Jerusalém para vender ali seus doces figos.

Hassan não era um velho, mas já estava um pouco curvado, era cego do olho esquerdo e cerca de um ano atrás havia perdido a mão direita. Ele era fraco e magro, e sua aparência era muito pobre. Era verdadeiramente um infeliz neste mundo; sua boa e honesta esposa Fátima tinha morrido e seu filho mais velho, Muhammad, fora recrutado para o exército do Sultão e desde então até aqueles dias, já tinham se passado mais de três anos sem que Hassan tivesse ouvido alguma notícia a seu respeito. Seu segundo filho, Ibrahim, o herói conhecido por todos, ficou cego dos dois olhos e por isso, ia preambulando de aldeia em aldeia pedindo esmolas. E se não fosse pela filhinha Nahiba, uma menina simpática de cinco anos, bronzeada do sol e extremamente bonita, Hassan certamente já teria posto um fim à própria vida.

Nahiba cresceu e ficara mais bonita a cada dia, parecendo-se cada vez mais com sua mãe. Ela era falante e enchia a casa de Hassan de vida. Quando Hassan voltava de Jerusalém, a menina o esperava na entrada da cidade. Ele lhe trazia doces e brinquedos que recebera de seus clientes quando acrescentava um ou dois figos a mais ao peso solicitado por eles.

As crianças gostavam de Hassan, o árabe, mas mesmo assim zombavam dele: um puxava seu turbante, um outro puxava seu casaco, um terceiro aproveitando-se da sua distração levava um figo sem pagar, e um quarto jogava ao chão sua caixa de moedas, obrigando-o a ter que se curvar a fim de recolher as moedas caídas. Além disso, eles faziam questão de regatear o preço

de seus figos: se ele lhes oferecia dois figos por uma moeda, eles queriam receber três, e ainda colocavam a mão até o fundo dos cestos para pegarem eles mesmos os figos escolhidos.

Hassan aceitava tudo com complacência, pois ele amava muito as pequenas crianças, e se uma delas eventualmente se ausentava na hora da venda, Hassan imediatamente procurava verificar a razão da ausência de uma ou outra criança. Ele sabia que aquelas crianças amavam muito seus doces figos e, além disso, elas eram também a fonte de todo o seu sustento. Ele sabia que precisava se preparar para o dia de amanhã, quando já não seria mais capaz de colher os figos e então como faria para sustentar e alimentar Nahiba, se ele não se preparasse de antemão para sua velhice?

Quando chegava a sexta-feira, já cedo os meninos fugiam de suas casas, porque lá todo mundo estava atarefado em lavar, assar, cozinhar e preparar tudo para o Shabat. As mães estavam ocupadas e irritadas, expulsando os filhos da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, e os pequenos agitadores, sabendo disso, corriam para o quintal ou para a rua e até para o campo, a fim de ficarem longe de gente tão ocupada.

Era nessas ocasiões que as crianças corriam até a banca do vendedor de figos, e ali era possível vislumbrar então uma multidão de crianças empurrado umas às outras, porque na sexta-feira era preciso comprar uma porção dupla de figos, para que não faltasse no Shabat. Quando as crianças viam Hassan chegando, todos se preparavam para pegar um bom lugar a fim de pular primeiro no cesto e colher os figos maiores e mais macios.

E aconteceu numa sexta-feira que todas as crianças estavam já reunidas, mas Hassan não apareceu. – O que terá acontecido com Hassan que não apareceu - perguntaram os meninos sem jeito. Eles esperaram mais um quarto de hora, uma meia hora, uma hora, duas, mas Hassan não apareceu!

Às três da tarde, um dos meninos disse: ele sempre chega à uma!

O sol brilhava escaldante, os rostos das crianças estavam vermelhos, as moedas em suas mãos esquentavam e um suor escuro escorria de seus dedos. A preocupação era grande e o sol estava muito quente. Uma hora depois as crianças já estavam desesperadas e desejavam voltar para casa. E eis que de longe elas avistaram Hassan, ele estava caminhando e se aproximando delas cada vez mais.

- Hassan, Hassan, Hassan! – começaram a gritar as crianças movendo as mãozinhas no ar, para cima.

Hassan chegou, sentou-se e colocou o cesto ao seu lado, empurrou as crianças e começou a oferecer um figo por uma moeda.

– Um figo por uma moeda? - gritaram as crianças de todos os lados. – O que aconteceu que o preço dos figos ficou tão caro?

– Dois figos por uma moeda! – começaram alguns a exclamar.

- Três! – disseram outros.

- Nada feito - disse-lhes Hassan respondendo-lhes com uma voz rouca e muito estranha.

- Eu quero ordem aqui, - acrescentou o árabe, - sem tocar no cesto, sem conferir, porque todos os figos aqui são bons e me custaram muito caro.

- Não! Não pode ser assim, que ninguém compre! – disse o menino mais velho enquanto os pequenos travessos já se preparavam para regatear e escolher os figos como de costume.

Nesse instante Hassan começou a chorar.

– Ele está chorando, ele está chorando! – disseram alguns, e todos o cercam e perguntaram por que ele estava chorando?

- Ai, meus filhos, estou amargurado, meu coração dói, minha alma está desolada! – disse Hassan em voz alta e continuou chorando.

As crianças ficaram abaladas e com medo, não tinham coragem de perguntar o que estava acontecendo. Foi então que o próprio Hassan começou a falar e lhes contou que, ao amanhecer, ele fora cedo com sua filha Nahiba, para colher os figos como eles sempre faziam. Ela subiu nas árvores, como era seu costume, e jogou grandes figos para ele de cima, figos dourados e cobertos de orvalho. Ela jogava os figos e ele os pegava, ela falava com ele e ele respondia, ela ria e se divertia e ele ficava feliz e encantado como de costume. Mas, repentinamente ouviu-se um tiro. Nahiba se assustou e caiu da árvore e bateu com a cabeça em uma pedra pontiaguda que estava caída no chão.

- Coitada de Nahiba, ela estava começando a aprender a ler - contou o pobre homem aos prantos - em segundos estava deitada no chão e o sangue jorrava de sua cabeça ferida. Ela não gritou, não chorou, não se recriminou por tê-la acordado tão cedo de seu doce sono, nem por ter-lhe ordenado que subisse na árvore. Nenhuma palavra, nenhum olhar, e sua alma pura partiu.

Hassan chorava amargamente e depois de alguns instantes ele voltou a falar e disse: Então seu corpo foi lavado e vestido com a túnica nova de algodão que comprei para ela ontem. Depois disso, ela foi sepultada junto aos Patriarcas, lá perto do Túmulo de Raquel, numa caverna profunda.

- Por que você não cavou uma sepultura somente para ela? - perguntou uma das crianças com a voz trêmula.

- Não, meu filho, é melhor perto da caverna, onde descansa a matriarca Raquel, pois lá descansam os bons e justos de todas as aldeias vizinhas.

- Ai, meus filhos, - clamou Hassan novamente após um longo silêncio – minha dor é maior do que o mar! Maldito seja este dia! Malditos sejam os figos! Maldita é esta terra para mim!

Ao ouvirem as lamúrias de Hassan, as crianças ficaram silenciosas e tristes, e com os punhos e golas de suas roupas elas enxugaram as lágrimas do rosto. Ninguém quis tocar nos figos, a tristeza era grande e o sol em volta escaldante.

Referências bibliográficas

BEN-YEHUDA, Hemda – *Mehayei hayeladim beEretz Israel* (A vida das crianças na Terra de Israel) *Project Ben Yehuda*. Disponível em: <<https://benyehuda.org/read/31021>> Acesso em 26/12/2022.

BEN-AVI, Itamar – *Avi* (Meu pai) *Project Ben Yehuda*. Disponível em: <<https://benyehuda.org/read/25620>> Acesso em 18/12/2021.

BEN-AVI, Itamar. *Hechatzuf haeretzisraeli* (The Cheeky Hebrew Man). Rishon LeZion, Miskal – Yedioth Ahronot, 2016.

BERLOWITZ, Yaffa. *Hemda Ben-Yehuda*. Disponível em: <<https://library.osu.edu/projects/hebrew-lexicon/03193.php>> Acesso em 20/11/2023.

GABBAY, Nati. *Ma lilbosh bessofei shavuá? Tipim miguru haofná haiviyá Hemda Ben-Yehuda*. (O que vestir nos finais de semana? Algumas curiosidades sobre a guru da moda hebraica, Hemda Ben-Yehuda). Disponível em: <<https://blog.nli.org.il/>> Acesso em 20/11/2023.

MALUL, Hen. *Hemda Ben-Yehuda, soferet hayeladim harishoná beivrit* (Hemda Ben-Yehuda, a primeira escritora da literatura infantojuvenil hebraica). Disponível em: <<https://blog.nli.org.il/giborot-hemda-ben-yehuda/>> Acesso em 20/11/2023.